

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

# **PRECESSÃO DOS SIGNOS DA HISTÓRIA**

**III**

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez





# **SINAIS A-NUNCIADORES**

## **PRECESSÃO DOS SIGNOS DA HISTÓRIA**

Uma pergunta essencial: qual é o signo de nosso tempo? “É o tempo do fim das revoluções”, responde Ortega e Gasset lá pelos anos 20. “Tempo de transição”, ouvimos hoje. Mas, transição para quê? Tempo de “fim da história” (Fukuyama), ou “tempo antes do fim” (Baudrillard: “antes de que não haja nada que dizer”)?

Em que tempo nos movemos,  
vivemos e temos nosso ser?

No tempo para o qual nos apontam Einstein, Heidegger, Prigogine, ou no tempo que nos marcam as empresas multinacionais, o FMI, os senhores da guerra, as bactérias e os vírus do extermínio?

Não pergunto “pelo” tempo, pergunto por “Nosso” tempo. Não pergunto pelo tempo do cosmos, o tempo da máquina, o tempo da matéria, pergunto pelo ‘tempo do homem’. Mas, o que é tempo do homem?

Já não temos mais tempo.

Para decifrar a chave do tempo do homem, já não podemos acrescentar um elo a mais à corrente do tempo, porque o homem foi despojado de seu tempo: muita gente morre hoje antes do tempo. Dito de outro modo: morrem, antes de haverem nascido. Muitos jovens, antes de consumir o tempo do homem, morrem de desesperança: por falta de trabalho, por falta de sentido. As forças da vida, ao não

encontrarem caminho para cima refluem para baixo, para os abismos da morte da alma. Muitos idosos, antes de consumarem a sabedoria do ancião, morrem de solidão, de isolamento, de penúria. Morrem de “velhice” (antes do tempo): por falta de lar, por falta de função social. Muitas crianças, antes de poderem dispor de seu tempo-criança já foram condenadas: ao lixo, ao HIV, ao tráfico clandestino...

Porém, então qual é o signo de nosso tempo?

A chave não está no fim do século nem no começo do milênio. Para além do tempo cronológico, do tempo cósmico de estrelas distantes, do tempo intrínseco da matéria viva, nós mesmos viemos a ser comovidos (na fronteira do tempo) por uma temporalidade de advento. Mais que de enquadrar o tempo que estamos vivendo em alguma das idades do mundo - tipificadas na Teogonia de Hesíodo - ou de caracterizar a época conforme critérios da filosofia da história, trata-se de aceder a este ponto crítico de precessão dos acontecimentos, onde advém algo completamente novo. Este “advir” não é um futuro, no sentido de expressar o que virá, já seja desde o presente cronológico, já seja desde o ser metafísico. Dito de outro modo, não é nenhum passo adiante com critério historicista, progressista, evolucionista.

Quando hoje nos perguntamos o que acontece em essência,  
a nível histórico mundial

temos que reconhecer que chegamos a uma “fronteira”  
onde já não temos mais tempo, ponto crítico de  
**ruptura de simetria do tempo histórico.**

Não é que a partir deste “ponto” não haja mais história: a história continua, mas tingida de ilusão. Se pudermos sobreviver a esta catástrofe de “fim da história”,

chegaremos a dar-nos conta de que - nessa fronteira cosmogônica onde o sol se oculta - acontece uma “precessão dos signos da história”. Algo novo nasceu: é o **início** de um ciclo de vida inteiramente novo. A compreensão deste **advento** já não se dá por “*visio cognitionis*”, mas por “*visio comprehensionis*” (seguindo a terminologia de Carlos A. Disandro, em suas “Fontes da Cultura” (Ed. Struhart e Cia, 1986). Dito em outros termos: aqui, o conceito cede passagem ao símbolo.

Acontecimento **inicial**:

a onda **pro-fética**

cruza as águas da história.

Este “acontecimento inicial” (*Ereignis*, na terminologia de Heidegger) fica oculto aos sensores do pensamento: porque não pertence à ordem da inteligência ilustrada e sim, ao mistério da revelação (“Estava no mundo, porém o mundo não o conheceu” Jn. 1: 10).

Como ontem, como sempre,

a sombra do antigo Éon

**oculta** o sinal A-nunciador.

A ciência moderna, no que se refere às leis mais gerais, não provém do “progresso” da ciência e sim, da I-luminação da inteligência: “Uma resplendente luz se fez dentro de mim”, exclama Einstein, **antes** que a teoria da relatividade fosse confirmada pela ciência experimental. E, quando Heisenberg formula o princípio de incerteza, Einstein responde: “Deus não joga dados”. O que havia ocorrido? A onda pro-fética (a palavra que é **antes** da palavra) se refletia nas águas da antiga mente. Só iluminação? Algo mais:

## **resonantia-Verbum.**

Subitamente, sem que nos déssemos conta, em meio da Noite, havíamos sido golpeados por um misterioso resplendor.

**Em-meio** à Noite,  
mística I-luminação da humanidade.

Uma luz invisível fez irrupção na alma do homem e na matéria do mundo: criando um novo meio. Não temos olhos para ver nem ouvidos para ouvir o **luminoso estrondo** deste novo **início**. A luz que ingressa é invisível (isto já o havia percebido McLuhan referindo-se à irrupção do novo meio eletrônico). Porém, precisamente essa “luz invisível” nos permite **ver**: nos permite des-cobrir o poder da “Sombra”.

“Algo essencial vem para cima de nós”, exclama Heidegger quando tenta esclarecer o sentido deste “nascimento”. Que o “recém-nascido se oculta” por trás do véu de sua própria “sombra”.

A Revelação não veio na forma  
que havíamos imaginado:  
fomos surpreendidos por uma

**Revelação Revelada.**

Já não perguntamos pelo “ser” da mensagem (pergunta metafísica) nem pelo “sentido” dos acontecimentos (discurso filosófico-literário), senão que perguntamos pela “marca”, “pegada” (“*signatura* inicial”) que delineia a **resonantia-Verbum** na matéria do homem. E, quando podemos aceder (de Profundis) ao desvelamento deste código simbólico, chegamos a dar-nos conta de que:

a mensagem do novo signo do tempo  
não é ideológica  
mas gen-ética.

Começamos a descobrir em nossa própria matéria, em nossas próprias moléculas da vida, a **signatura** do Verbo: “mensagem vibratória” que não só implica uma mudança no ritmo dos acontecimentos e na estrutura do poder, senão que provoca a “ruptura” dos padrões de significação que, apenas até ontem, sustentavam a forma material e espiritual do homem, no marco do tempo do antigo Éon: violência sagrada do Verbo, nas raízes da Árvore da Vida.

A radiação pro-fética  
se adianta à vanguarda política:

**precessão dos signos da história.**

Com a “lógica” e a “metafísica” do conhecimento, podemos no máximo, descrever os efeitos (consequências) desta “precessão dos signos”. Mas, essas ferramentas (instrumentos da antiga fisiologia) são insuficientes para aceder à misteriosa “liturgia” de transfiguração do homem. Dito de outro modo: o pensamento crítico pode descrever as novas configurações do tempo que modelam hoje a vida do homem na sociedade planetizada. Porém, não pode reconhecer o **vínculo** sagrado (**resonantia-Verbum**) que “organiza” o próprio tempo histórico.



Digo que podemos “descrever” as novas configurações do tempo: as coisas encontraram um meio de escapar da dialética do sentido que as cansava... o universo não é dialético. Está condenado aos extremos e não ao equilíbrio. “Condenado ao antagonismo radical e não à reconciliação nem à síntese”, diz Jean Baudrillard em suas “Estratégias fatales” (Anagrama, 1984, Pág. 5). É a visão do mundo em tempo de entropia histórica, de autonomia dos acontecimentos, por perda de núcleo simbólico de sentido, de morte do vínculo profético, de diáspora espiritual da humanidade no deserto da cultura técnica. É só “a metade da fórmula”, só “uma” das fases do grande ciclo cosmogônico que chega a seu fim: a fase “condenada aos extremos” (na leitura de Baudrillard). É a fase da consciência objetiva (predomínio do “objeto”, mensagem de “salvação” por meio da técnica). Aqui, neste cosmos “condenado aos extremos”, o homem tropeça com sua própria sombra. No entanto, desde o **em-meio** à Sombra nos surpreende uma nova I-luminação:

**voltou a acender-se o fogo  
no coração da matéria.**

É o **Início** de algo completamente novo. A linguagem se torna insuficiente para nomear esse **Algo** que I-lumina antes do amanhecer: acontecimento **inicial** da era que começa. “Oh, que terrível é este lugar!”, exclama Jacob ao despertar de seu sonho (Gen. 28: 17). Não é algo que aconteça no tempo, mas o **impulso inicial** que gera o espaço sagrado (*templum*), governa o tempo e con-figura (com o tempo) a geometria orgânica da vida:

**“Oh, que terrível é este lugar!”**

Este é o lugar que “marca” hoje o “princípio-e-o fim” das coisas. É difícil sustentar-se neste lugar de **transfiguração** da História: onde o que “é” deixa

subitamente de ser, e o que foi volta a ser com outras vestiduras. Porém, por que “terrível”? Porque este lugar já não é templo-refúgio, mas *theurgia-templum*. E Jacob chamou este lugar Bethel: “casa de Deus e porta dos céus”. Mas, quem é este Jacob que faz aqui “voto”, promessa de aliança entre os bens do homem e a providência divina e que mais adiante, no decurso da história sagrada, luta com o anjo e muda de nome? Hoje, Jacob é a personificação da consciência profunda da Humanidade que, ao despertar de um sonho de milênios, recupera o sentimento de infância predestinada: que vem selar um novo “pacto” entre a Voz pro-fética que esvoaça sobre as águas da vida e o murmúrio de vozes da história por-vir:

### **Resonantia-Verbum.**

É uma “onda”, uma “partícula”, um novo “Deus que vem”?

A física de altas energias nos dá a resposta: é “algo que acontece”! É acaso um novo “signo” da história? Não: é sinal de **precessão** dos signos da história. Porém, não é algo alheio à História (ainda que a História possa não reconhecê-lo).

Ao despertar do sonho, a Humanidade planetizada  
exclama com voz Uní-sona:

### **O que terrível é este lugar!**

Pre-sentimento de ser prot-agonista sacrificial de um novo “pacto” do Deserto.